

DIMENSÕES ESPAÇOTEMPORAIS DOS HOMICÍDIOS NA CIDADE DE PELOTAS – 2012-2015

Erika Collischonn

Doutora em Geografia - UFSC
Professora do Departamento de Geografia - UFPEL
E-mail: ecollichonn@gmail.com

Douglas Gonçalves da Silva

Bacharel em Geografia - UFPEL
PoliciaI Militar aposentado - Brigada Militar-RS
E-mail: douglasgssanta@gmail.com

Juscelino Vieira da Cunha

Bacharel em Geografia - UFPEL
PoliciaI Militar - Brigada Militar-RS
E-mail: juscelino-vieira@ig.com.br

RESUMO

O trabalho que aqui se apresenta buscou avaliar de que forma o Geoprocessamento pode contribuir para compreender a relação entre crimes de Homicídios e de Tráfico de Entorpecentes na cidade de Pelotas, no período de 2012 a 2015. Como base de dados para as análises temporal e espacial foram usados os boletins de ocorrência da Brigada Militar. Os pontos de localização dos crimes foram definidos com base nos endereços constantes no boletim de ocorrência e posteriormente importados como feições de pontos em projeto no programa QGIS, conforme o número da ocorrência. Neste projeto já havia outros planos de informação, contendo atributos sócio econômicos e infra estruturais sobre a cidade. Com base nos dados constatou-se a concentração de homicídios em algumas áreas da cidade e também a relação com aspectos que a literatura de análise da violência e criminalidade urbana vem debatendo. A análise espacial, que apontou concentrações de ocorrências de homicídios na cidade, mostra claramente quais áreas e suas vizinhanças devem ser objeto de políticas públicas que devem ir além de medidas controle da oferta de drogas (repressão) e medidas de controle do consumo (prevenção), ou seja, que devem envolver outros órgãos e agências que não apenas a polícia.

PALAVRAS CHAVE: Homicídios, urbanização, tráfico de entorpecentes.

SPATIOTEMPORAL DIMENSIONS OF HOMICIDES IN THE CITY OF PELOTAS FROM 2012 TO 2015

ABSTRACT

This paper sought to evaluate how Geoprocessing can contribute to understand the connection between homicides and the traffic in narcotics in the city of Pelotas from 2012 to 2015. The military police incident reports were used as a database for spatial-temporal analyses, and the addresses provided within these documents enabled the location points of criminal incidents to be set. As a second step, the incidents' locations were imported as a point-type feature file to the QGIS software environment. Other sorts of shapefiles, containing the city's infrastructural and socioeconomic information, were also added to the project. It was observed, based on collected data, a concentration of homicides in particular areas of the city, as well as the relation with aspects currently discussed by the literature of urban criminality and violence analysis. Through the spatial analysis – that pointed out concentrations of incidents – it is clearly evident which areas and

surroundings should be the target of public policies. However, these policies must act beyond solely promoting the control over drugs supply (repressive measures) and drug use (prevention measures). It must engage different organizations and agencies other than only the police.

KEYWORDS: Homicides, urbanization, traffic in narcotics

INTRODUÇÃO

O pesquisador Júlio Waiselfisz, que atualiza anualmente o “Mapa da Violência” no Brasil, constatou que de 1980 a 2010 a taxa de homicídios no país cresceu 124%. Segundo o pesquisador:

De 1980 até 2012 morreram no Brasil um total de 880.386 pessoas vítimas de disparos de armas de fogo. Se esse número já é assustador, é ainda mais impactante verificar que 497.570 deles eram jovens na faixa de 15 e 29 anos de idade. Considerando que no período os jovens representam pouco menos de 27% da população total do país, constatamos com enorme preocupação que 56,5% das vítimas de disparo de armas de fogo registrados nesse período de 33 anos foram jovens na faixa de 15 a 29 anos. Vemos a larga incidência e prevalência das mortes por arma de fogo em nossa juventude (WAISELFSZ, 2015, p.101).

A imprensa também tem ressaltado diariamente que, nas grandes cidades brasileiras, que a disputa por pontos de tráfico tem resultado em grande número de mortes, em especial entre jovens (BEATO FILHO et al, 2001, p. 1164). Nesta perspectiva qualquer que seja a proporção de homicídios relacionados às drogas, estes deverão ocorrer com maior intensidade nos locais e vizinhança dos pontos de tráfico.

Este aumento de criminalidade e, principalmente, da criminalidade relacionada ao tráfico de drogas, que ocorreu, inicialmente, nos grandes centros urbanos, na última década tem migrado para as cidades médias do país. Esse cenário preocupa pesquisadores que elaboram elementos explicativos para dinâmica do crime em nossa sociedade, analisando as informações criminais oficiais a fim de compreender o fenômeno e subsidiar políticas de prevenção da violência.

Os estudos mediante utilização de mapas para a compreensão da criminalidade, de acordo com Beato Filho & Assunção (2008), originam-se de uma tradição centenária, nas ciências sociais, com estudos na França, onde se verificou que o crime possui um padrão característico ao longo das áreas geográficas.

Atualmente, a capacidade de coletar, interpretar e gerar informação com referência geográfica definida agiliza a decodificação dos padrões e regularidades de distribuição da criminalidade, de maneira a dar suporte a atividades de policiamento, bem como para prestar contas à comunidade sobre problemas relativos a segurança. Complementarmente, o uso de tecnologia de análise espacial, combinada com dados socioeconômicos e ambientais, também contribui para a instrumentalização de políticas públicas de combate à criminalidade urbana.

Pelotas, em 2010, era o terceiro município mais populoso do estado do Rio Grande do Sul e também estava entre aqueles atingidos diretamente pela violência urbana no estado. No estado do Rio Grande do Sul, de 2005 a 2014, a população cresceu 3,3%, enquanto o total de homicídios cresceu 68,6%; já na classificação das cidades com maior número de homicídios no estado do Rio Grande do Sul, considerando uma taxa para cada 100 mil habitantes, Pelotas estava na décima posição em 2014 (Zero Hora, 18/02/2015).

O trabalho que aqui se apresenta buscou avaliar a distribuição espacial e temporal da criminalidade relacionada a Homicídios e Tráfico de Entorpecentes na cidade de Pelotas, no período de 2012 a 2015. A ideia foi analisar dados registrados e experiência profissional¹ em policiamento ostensivo com casos de homicídio, sob um ponto de vista geográfico, relacionando as categorias espaciais: localização, arranjo e conexão.

Localizar é identificar o lugar dos objetos no mundo na interação com outros lugares, portanto envolve tanto a posição quanto a topologia. Arranjo é o atributo espacial relacionado a distribuição (organização) dos elementos geográficos no espaço, enquanto o termo conexão diz respeito ao elo existente entre os objetos e as ações humanas num sistema de relações.

As categorias espaciais, por si só, já têm um amplo poder explicativo no campo da segurança pública. Neste trabalho foram acrescentadas ainda, aquelas relacionadas ao tempo, porque ritmo, ciclo e duração, também foram consideradas categorias fundamentais para a abordagem geográfica em segurança pública. A concretude destas categorias foi buscada na ocorrência dos crimes de homicídios na cidade de Pelotas, entre 2012 e 2015.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para alcançar os objetivos anteriores seguiram-se várias etapas, tais como: busca por referências bibliográficas nacionais sobre o assunto abordado; revisão bibliográfica e concepção de ideias sobre temas que envolvem a criminalidade urbana; coleta de dados, revisão e organização dos materiais coletados, escolha dos sistemas de informações geográficas para mapeamento; localização de feições de interesse no Google Earth; criação e organização do banco de dados; e análise dos dados mapeados. Estas etapas serão melhor explicitadas a seguir.

A pesquisa de referências bibliográficas nacionais sobre o assunto abordado foi realizada através de busca na biblioteca das Ciências Sociais da UFPEL e também na biblioteca digital. Além

¹ Dois dos autores, além de serem geógrafos, têm longa experiência de atuação como Policiais Militares.

disso, várias publicações relativas ao tema geotecnologias relacionadas ao combate da criminalidade foram obtidas via rede *internet*. Após a coleta destas publicações pode-se analisar experiências advindas de outros lugares, definindo-se conceitos referentes ao tema em tela e procedimentos metodológicos empregados na análise de dados provenientes dos órgãos de segurança pública.

Também foi realizada, concomitantemente, a coleta de informações na Brigada Militar² sobre registros de ocorrências policiais referentes a crimes de Tráfico de Entorpecentes e Homicídios na cidade de Pelotas, RS, através de consultas no banco de dados da BM. Esta coleta foi possível mediante requerimento, entregue a autoridade responsável por estes dados, nesta instituição. A Brigada Militar, em sua ação diária, registra as ocorrências em planilhas que auxiliam no controle estatístico. O número de registro foi lançado de acordo com um sistema da BM que é chamado de SOP (Sala de Operações) e que é interligado em todo o Estado do Rio Grande do Sul, para que as ocorrências tenham um registro único em todo o território estadual.

Em planilha *Excel* fez-se análise da distribuição temporal dos dados, bem como a análise das características sociais das vítimas, nas ocorrências de homicídio.

Os softwares para realizar o mapeamento dos Homicídios na cidade de Pelotas foram: o “*Batch Geocoding*”, para localizar as ocorrências, o Google Earth para verificar esta localização, e o QGis para criar o banco de dados do tipo orientado a objetos, que vinculasse as informações tabulares sobre as ocorrências as feições pontuais de sua localização no mapa da cidade de Pelotas.

Os pontos de interesse (ocorrências) foram localizados via aplicativo *Batch Geocoding*³ com base no endereçamento, existente na planilha *Excel* das ocorrências. Para aqueles endereços que o programa não localizou e também para checar o ajuste dos endereços anteriormente localizados utilizou-se o Google Earth e a longa experiência como policial militar circulando pelas ruas da cidade. Uma vez localizado o endereço, as ocorrências posicionadas por marcadores identificados com o número da ocorrência foram salvas em pastas, no próprio Google Earth, devidamente separadas por área de atuação de cada Companhia da Brigada Militar, tipo de crime e por ano. Constatou-se nesta fase da organização dos dados, que havia ocorrências com números de registros

² Brigada Militar (BM), é a força de segurança pública que têm por função o policiamento ostensivo e a preservação da ordem pública no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul. No âmbito jurídico, a BM/RS enquadra-se como polícia militar nos termos do artigo 42 da Constituição Federal de 1988.

³ Programa de geocodificação que permite criar lista das coordenadas geográficas a partir dos endereços, além de arquivo em versão KML para ser visualizada no Google Maps ou no Google Earth. Disponível em <http://www.findlatitudeandlongitude.com/batch-geocode/#.V3LkI_krLDc>.

iguais e que não poderiam ser modificadas, devido ao fato de que, na realidade, dois eventos podem ser registrados sobre um mesmo número de ocorrência (dois homicídios num mesmo endereço). Assim, foram criados dois marcadores com o mesmo número. As pastas criadas no Google Earth foram salvas, em formato *kml*, que pode ser importado em sistemas gerenciadores de informações geográficas como o QGIS, de forma a tornar possível efetuar a conexão das ocorrências com tabelas de atributos no programa QGIS, para a geração dos mapas Temáticos.

Um projeto foi criado no programa QGIS para o qual foram adicionados planos de informação obtidos junto ao departamento de urbanismo da Prefeitura Municipal de Pelotas como Regiões Administrativas, Quadras, Áreas Verdes, Hidrografia; também planos de informação sobre setores censitários e tabelas relativas ao censo demográfico 2010 do IBGE, bem como os planos de informação criados no Google Earth, já citados. Neste programa foram realizadas: visualização de dados conjuntos numa mesma vista, consultas por atributo e espaciais, análise espacial de dados e configuração de mapas temáticos.

Após a realização do mapeamento dos crimes, em tela, foram analisados de forma quantitativa e qualitativa os pontos de maior incidência destes crimes, com intuito de descobrir quais os motivos que levam tais pontos a apresentarem tantas ocorrências e tentar sugerir melhorias que possam amenizar a ocorrência destes crimes na cidade de Pelotas.

ELEMENTOS PARA AVALIAR A OCORRÊNCIA E DISTRIBUIÇÃO DOS HOMICÍDIOS NAS CIDADES MÉDIAS BRASILEIRAS

Não se pretende aqui explicar a problemática da violência urbana, como se ela coubesse num só conceito, ideia ou interpretação. Essa temática em toda a sua complexidade transcende diversas ciências sociais e sociais aplicadas, dadas as suas múltiplas manifestações coletivas e individuais, históricas e psicológicas, objetivas e subjetivas. Mortes violentas, com certeza, revelam dimensões insuspeitadas da realidade social, em suas implicações político-econômicas, socioculturais, objetivas e subjetivas.

Neste trabalho, procurou-se colocar o foco nas dimensões espaçotemporais dos homicídios. Dois processos decorrentes da atual conjuntura do sistema capitalista e de sua consolidação em diferentes escalas são fundamentais no entendimento do crescimento dos crimes contra a vida no tempo atual e de sua distribuição no contexto urbano.

Primeiramente, a globalização fez com que fronteiras fossem fragilizadas, distâncias fossem encurtadas e tecnologias se tornassem mais universais, tornando assim mais fácil a

movimentação de pessoas, de informações e de capital. Isto ampliou a eficiência do crime organizado. Segundo Ziegler (2003, p. 26), o crime organizado, por ser uma organização econômico-financeira do tipo capitalista, se estrutura com os mesmos parâmetros que qualquer empresa industrial, comercial ou bancária legal, quais sejam: maximização de lucro, controle vertical e produtividade. Contudo, diferentemente da maioria das empresas, o crime organizado é regido por uma hierarquia que funciona autoritariamente, numa relação comando/obediência, sendo a violência a base de toda ação criminosa, uma violência inteiramente submetida à vontade de acumulação monetária, dominação territorial e conquista de mercados.

Outro aspecto que a globalização propiciou em escala mais local nas últimas décadas foi o que Milton Santos (1996) chamou de urbanização corporativa, em que os investimentos públicos se voltam mais para equipar a cidade, prioritariamente, para atrair investimentos, em detrimento dos gastos sociais. Sobre esse processo, Pereira (2014) afirma que:

[...] esse modelo de cidade que privilegia o mercado, fazendo do Poder Público mero instrumento realizador das ambições privadas tem trazido uma série de consequências ao mundo urbano: empobrecimento e diminuição da renda, fragmentação do tecido urbano, desenvolvimento socioespacial desigual, hiperperiferização, diminuição de relações interclasses e aumento dos conflitos pelo direito à cidade (PEREIRA, 2014, p.6).

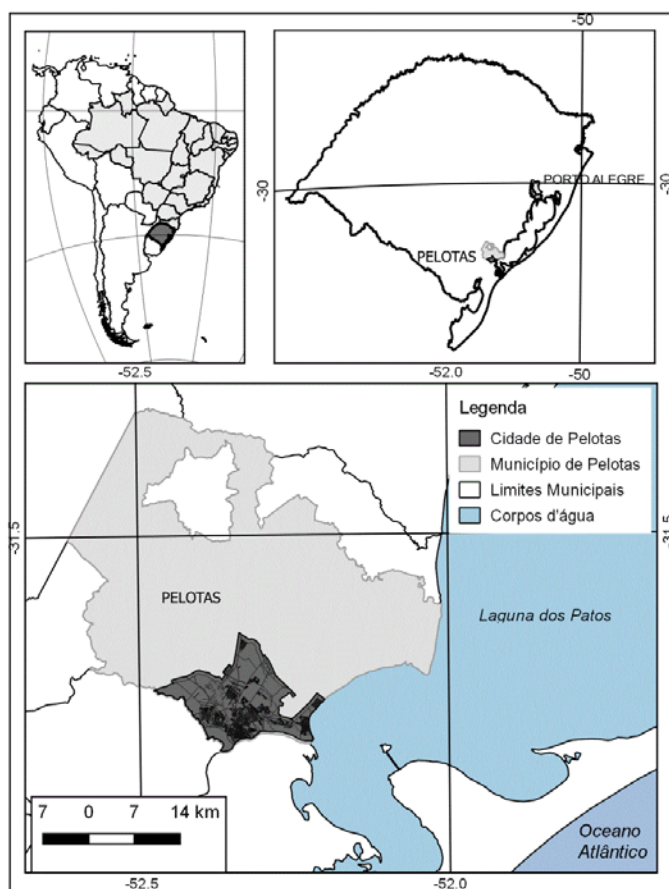
Enquanto a cidade central recebe investimentos e vai se configurando como espaço ambientalmente agradável, concentrando serviços de natureza educacional, recreativa, turística ou financeira, vão se criando novas aglomerações de habitações precárias desprovidas de equipamentos urbanos, seja na periferia ou mesmo nos interstícios da malha urbana. A ideologia do consumo, a serviço das forças socioeconômicas hegemônicas, também se entranha na vida das pessoas que aí vivem, suscitando nelas expectativas e desejos que não podem satisfazer. Alguns veem no tráfico e na violência a única forma de satisfazer essas expectativas ou de se afirmar num contexto de pobreza.

Portanto, entende-se que a cidade não é mero palco onde as redes de relações que aí se estabelecem criam os eventos de violência. Concorde-se com Beato et al (2012, p.147) que afirma que a conformação urbana pode ter um papel fundamental na desorganização social de comunidades e lugares, na estrutura de oportunidades para a ocorrência dos delitos, no mercado habitacional formal e informal como incentivador de diversas formas de crime violento, mas também na capacidade de autorregulação da criminalidade.

CARACTERÍSTICAS DA URBANIZAÇÃO DE PELOTAS NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO

Pelotas é um município do estado do Rio Grande do Sul que contava, em 2010, com uma população 328.275 habitantes dos quais 93,27 % (306.193 habitantes) viviam em área urbana, conforme censo demográfico IBGE-2010. Praticamente toda esta população urbana vive na cidade de Pelotas, que é o recorte espacial definido para o presente estudo (Figura 1).

Figura 1 – Localização da cidade de Pelotas/RS.



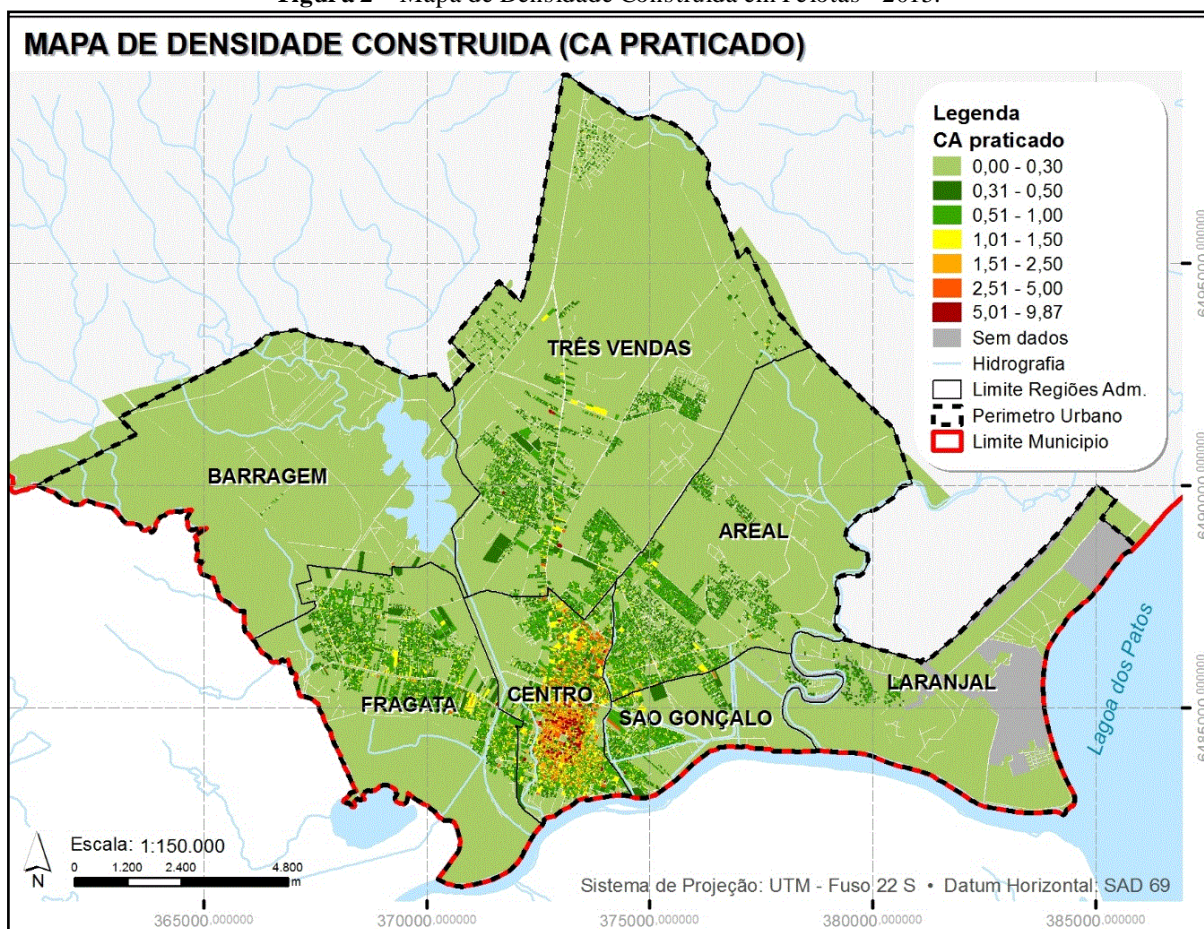
Fonte: Elaborado pelos autores.

A cidade está dividida em sete regiões administrativas (Areal, Barragem, Centro, Fragata, Laranja, São Gonçalo, Três Vendas) conforme III Plano Diretor de Pelotas (Figura 2). Como referência para análise dos resultados, inicialmente buscou-se espacializar algumas características da área urbana de Pelotas: de densidade demográfica, densidade construída e renda média dos chefes de família.

Como cidade média, Pelotas oferece um leque bastante largo de comércios e serviços especializados, estando assim em interação constante com as áreas coloniais e cidades menores do espaço regional a ela ligado; também recebe constantemente migrantes de cidades menores ou da zona rural, que aí se fixam. Assim, o espaço intraurbano de Pelotas se caracteriza por um centro funcional bem individualizado e uma periferia dinâmica, evoluindo segundo um modelo bem parecido com o das grandes cidades, isto é, através da multiplicação de novos núcleos habitacionais periféricos, bastante dependentes do centro funcional.

A figura 2 apresenta o mapa de Densidade Construída elaborado a partir de dados do cadastro técnico da prefeitura de base geográfica de lotes e área total construída bruta, o que permite a obtenção do coeficiente de aproveitamento (CA) praticado, pela relação de área construída pela área do lote da unidade.

Figura 2 – Mapa de Densidade Construída em Pelotas - 2015.



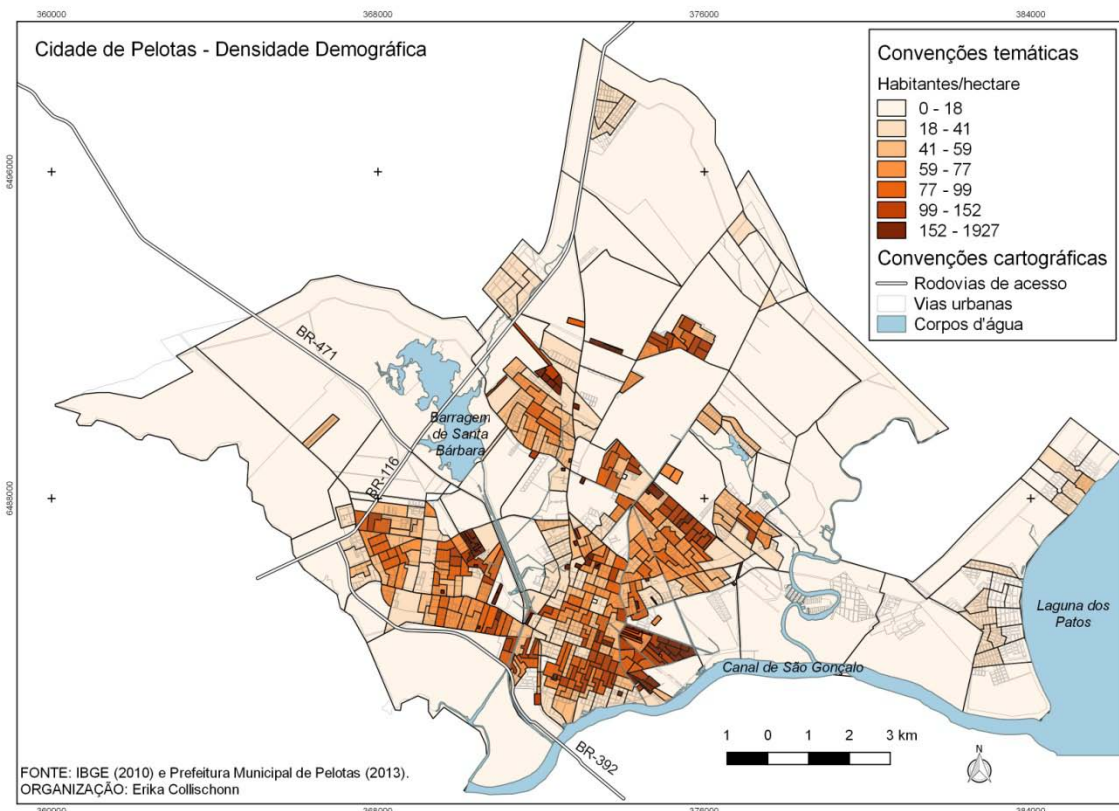
Fonte: Dados PMP (2015). Elaborado por Maria Lúcia Lopes.

De acordo com os dados fornecidos pela prefeitura a concentração de maiores densidades construídas é observada na área central onde vê-se no mapa os tons de vermelho. Densidades com valores a partir de 2,5, conformam tipologias de ocupação de 3 pavimentos ou mais. O Centro, durante o dia, concentra serviços, comércio, pessoas e veículos. Ainda assim, Pelotas não apresenta crescimento vertical significativo, expandindo-se por aglomerações residenciais horizontalizadas que fazem o tecido urbano se dissolver para limites cada vez mais amplos (VIEIRA, 2005).

A partir do centro urbano tradicional (Praça Coronel Pedro Osório), a cidade se espraia por cerca de 7 km para o norte (Região Administrativa Três Vendas), 6 km para o oeste (Região Administrativa Fragata), 1,5 km para o sul (bairro Porto), 4 km para leste (Região Administrativa Areal), sem considerar a Região Administrativa Laranjal à beira da Lagoa dos Patos, que fica ainda 11 km mais distante. Assim, o perímetro urbano de Pelotas apresenta uma ocupação horizontal extensa (192.65 km²), compacta próximo aos eixos viários principais e menos densa nos interstícios, onde ainda são frequentes os alagadiços e áreas de uso agrícola.

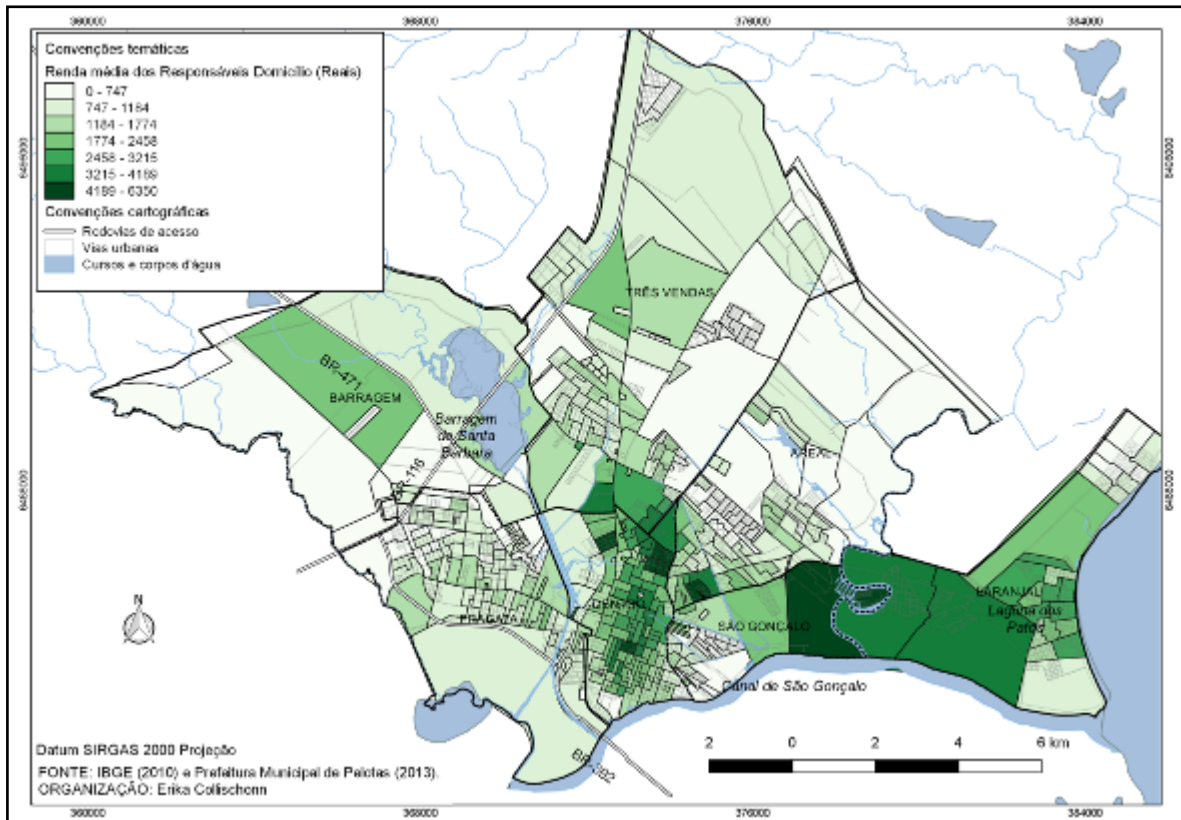
Os mapas de densidade demográfica (figura 3) e de renda média dos responsáveis por domicílio (figura 4) foram elaborados com base nos dados do Censo 2010 por setor censitário.

Figura 3 – Densidade demográfica por setor censitário na cidade de Pelotas - 2010.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 4 – Renda média do responsável pelo domicílio por setor censitário - 2010.



Fonte: Elaborado pelos autores.

O mapa da figura 3 mostra que os setores que concentram mais população não estão, necessariamente, nas mesmas áreas que concentram as maiores densidades construídas (Figura 2). Os setores com maiores densidades demográficas se concentram em bairros periféricos nas Regiões Administrativas São Gonçalo, Areal, Três Vendas e Fragata. Estes mesmos setores carecem de infraestrutura básica, alguns deles se enquadram no que o IBGE denominou Aglomerados Subnormais.

Já o mapa da figura 4 exibe configuração da distribuição de renda na cidade. Este mapa diferente do mapa de densidade demográfica. Os setores que mostraram as rendas médias mais baixas, justamente correspondem aqueles que apresentaram as maiores densidades demográficas no mapa da figura 3. Já quanto as rendas médias mais altas, nota-se alguns setores no centro da cidade, nas Regiões Administrativas São Gonçalo e Laranjal e na Região Administrativa Areal, contudo, nesta classe se destacam ainda mais setores a leste da cidade, que no mapa anterior apresentavam baixíssima densidade demográfica (0 a 18 hab/hectare). Esta área da cidade nos últimos 10 anos, em parte devido a dinamização do Polo Naval em Rio Grande tem recebido melhor infraestrutura,

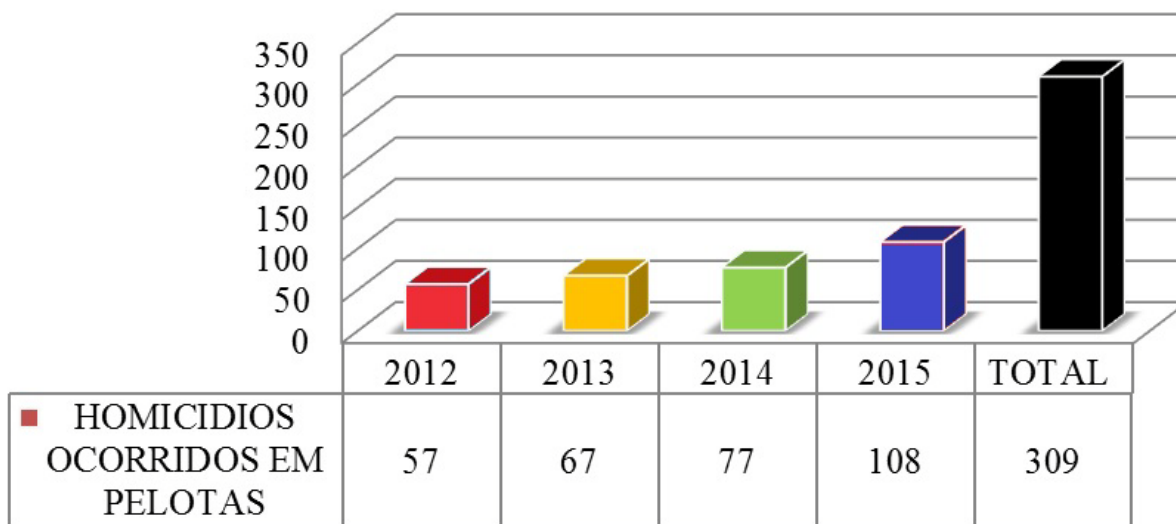
devido à expansão de projetos voltados aos condomínios fechados e centros de consumo voltados aqueles com condição financeira mais privilegiada. A população de baixa renda cada vez mais desamparada e segregada na periferia da cidade fica alijada da infraestrutura que prioriza a área central. No período de realização do estudo que aqui se apresenta, 2012 a 2015, que coincidiu com o da dinamização do Pólo Naval em Rio Grande, Pelotas teve um aumento populacional estimado de 3,69 % (FEE 2015).

Segundo a regionalização da Brigada Militar, a cidade está dividida em três subáreas, todas administradas pelo 4º Batalhão de Polícia Militar de Pelotas, CRPOSU. Pelotas, assim como outras cidades no estado do Rio Grande do Sul, vive hoje, uma situação de grande defasagem em seu contingente policial, principalmente, nas fileiras da Brigada Militar, que por sua vez tem como atividade fim o policiamento ostensivo, que trata diretamente da ação presença, coibindo atitudes de lituosas e no atendimento diário de ocorrências locais.

A VARIABILIDADE TEMPORAL DOS HOMICÍDIOS - 2012 A 2015

Entre 2012 e 2015, ocorreram 309 homicídios em Pelotas, dos quais mais de um terço ocorreu no ano de 2015 (figura 5).

Figura 5 – Homicídios ocorridos em Pelotas de 2012 a 2015.

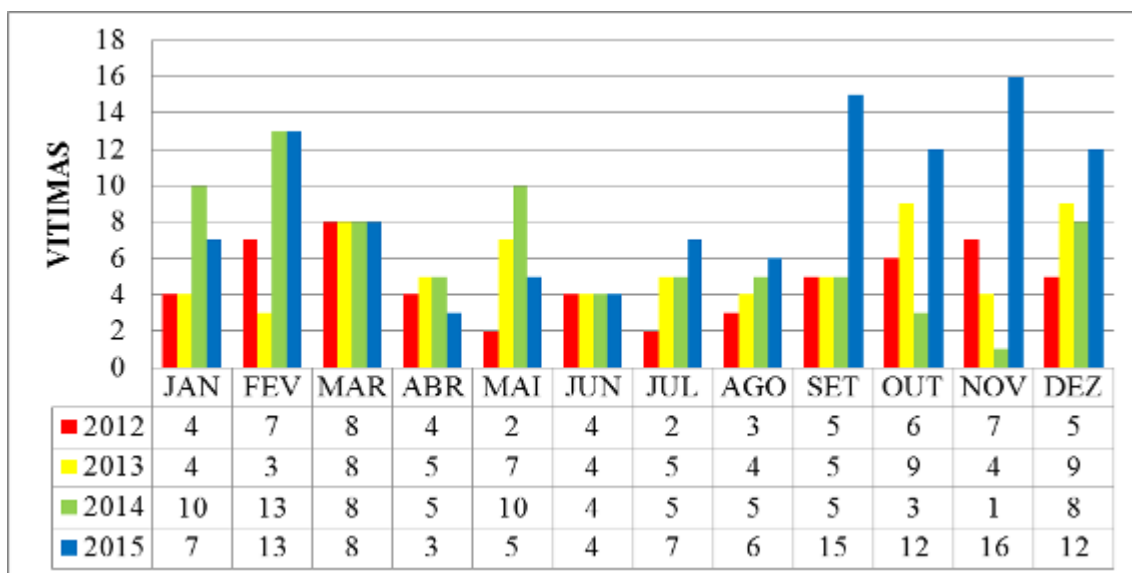


Fonte: Elaborado pelos autores.

Nota-se, que o crescimento do número de homicídios, de 2012 para 2013, foi de 17%, de 2013 para 2014 foi de 14%, já de 2014 para 2015 chegou a 40%.

A figura 6 mostra a distribuição mensal dos homicídios ocorridos em cada um destes anos. Para todo o período (2012 a 2015) o mês com maior número de ocorrências foi fevereiro, com 36 homicídios, seguido do mês de dezembro, com 34, e março, com 32, todos, portanto, no período mais quente do ano; já os meses de menores ocorrências são junho, abril, agosto e junho, respectivamente com 16, 17, 18 e 19 ocorrências. Novembro de 2015 foi o mês que registrou o número máximo de homicídios, num total de 16, já o mesmo mês, no ano anterior registrou somente 1 homicídio, o valor mais baixo. O gráfico também mostra que o período mais violento foi de setembro a dezembro de 2015, quando em quatro meses ocorreram 55 homicídios.

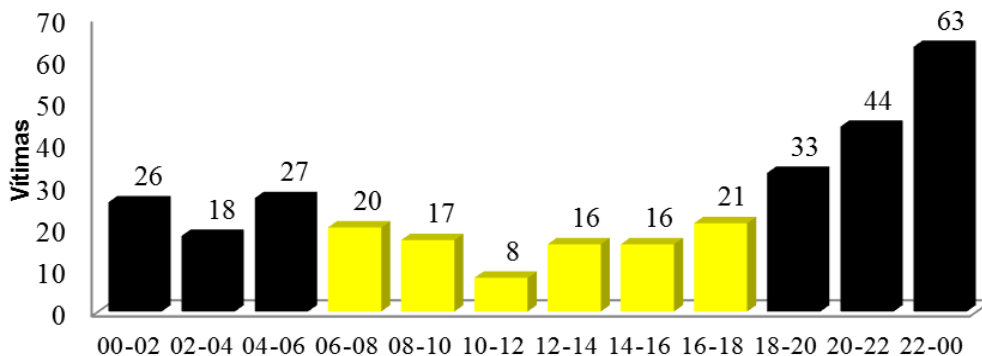
Figura 6 – Vítimas de homicídio em Pelotas por mês e por ano – 2012 a 2015.



Fonte: Elaborado pelos autores.

No gráfico da figura 7 apresenta-se a distribuição do horário da ocorrência dos homicídios registrados no período 2012-2015. Nota-se que o maior número de homicídios (211 vítimas) ocorreu à noite (barras em preto no gráfico), sendo que o horário de pico é entre as 22h e a meia noite. Durante o dia o horário de menor ocorrência de homicídios, com 8 vítimas, foi entre as 10h e 12h e o total diurno foi de 98 vítimas.

Figura 7 - Distribuição horária dos homicídios ocorridos em Pelotas de 2012 a 2015.



Fonte: Elaborado pelos autores.

CARACTERÍSTICAS SOCIAIS DAS VÍTIMAS DE HOMICÍDIOS

O Mapa da Violência 2012 mostrou que, para o país como um todo, no ano 2000, o assassinato de jovens entre 15 e 24 anos foi 150,2% maior do que o assassinato de pessoas entre outras faixas etárias e que, em 2010, essa porcentagem foi ainda maior, de 156%. Mais da metade dos homicídios no Brasil em 2014 correspondem a jovens entre 15 e 29 anos. Em todos os anos da última década as taxas de homicídios entre os jovens são mais do que o dobro das taxas de homicídios de pessoas de outras idades.

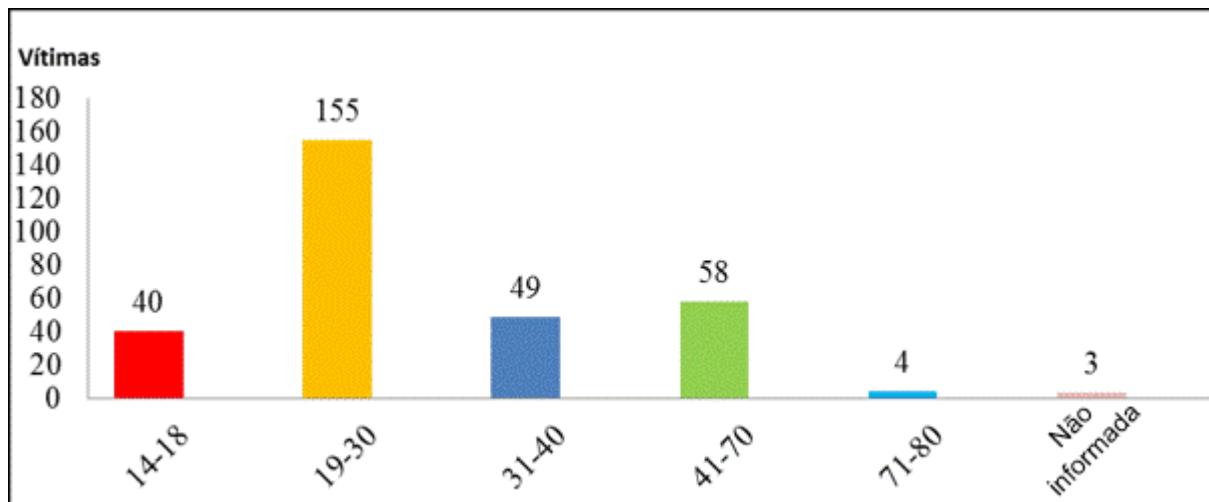
130

No Brasil, segundo Waiselfisz (2015), mais de três milhões de jovens não estudam e nem trabalham, sendo assim “um exército disponível para o crime”.

Em Pelotas, segundo o censo demográfico do IBGE de 2010, as taxas de desemprego dos jovens eram bem mais altas que a taxa média de desemprego (7,6%). As taxas de desemprego dos jovens de 10 a 17 anos e de 18 a 29 anos eram, respectivamente, de 26,3% e 13,3%. Apesar da redução da vulnerabilidade geral dos trabalhadores face ao desemprego naquele censo, havia uma forte desigualdade no desemprego, tornando os jovens mais vulneráveis.

O gráfico da figura 8 mostra que o maior índice de homicídio ocorre na faixa dos 19 aos 30 anos, sendo que 50% das vítimas de homicídio em Pelotas de 2012 a 2015 estava nesta faixa etária. Também é altíssima a taxa na faixa dos 14 aos 18 anos, considerando que 13% das vítimas estava nesta faixa etária.

Figura 8 - Faixa etária das vítimas dos homicídios ocorridos de 2012 a 2015 em Pelotas.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Além disso, a pesquisa reforça a tendência já apontada em outros estudos, de que os assassinatos atingem mais os homens do que as mulheres. Segundo Waiselfisz (2015), no Brasil, em 2010, dos 49.932 homicídios registrados, 45.617 (91,4%) foram de homens e 4.273 (8,6%) foram de mulheres.

131

Em Pelotas, no ano de 2012, ocorreram 57 homicídios, destes 5 vítimas eram mulheres (8,8%) e 52 eram homens (91,2%); no ano de 2013 foram 67 homicídios, destes 3 vítimas eram mulheres (4,5%) e 64 eram homens (95,5%); no ano de 2014 foram 77 homicídios, destes 6 vítimas eram mulheres (7,8%) e 71 eram homens (92,2%); por fim, no ano 2015 ocorreram 108 homicídios, destes 9 vítimas eram mulheres (8,4%) e 99 eram homens (91,6%). Os dados mostram que Pelotas segue a tendência brasileira, com predomínio de homicídio de homens.

Conforme o Mapa da Violência 2015, no Brasil, a taxa de homicídio da população negra é de 37,5 por 100 mil habitantes ao passo que a taxa de homicídios de não-negros é de 15,6 homicídios por 100 mil habitantes. A série temporal considerada pelo estudo de Waiselfisz e colaboradores (2015), de 2004 a 2014, mostrou outra relevante e preocupante informação sobre o viés e desigualdade racial dos assassinatos no país: enquanto o homicídio de negros subiu 18,2%, os índices de assassinatos de não-negros e não-pardos diminuiram 14,6% nesse mesmo período.

Em termos absolutos, em 2015 a população vítima de homicídio em Pelotas era 65% branca e 35% preta, enquanto para todo o Brasil 29% das vítimas era branca e 71% preta no mesmo ano.

Mas para entender qual o grupo que mais tem sido vitimado, há que se analisar estes números em relação a participação de cada grupo na população de Pelotas.

Quanto à composição da população do município de Pelotas por cor ou raça, conforme o Censo demográfico de 2010 do IBGE, de um total de 263.443 pessoas, 80,3% se auto declaravam brancas, 10,7% pretas e 8,6% pardas. A população que se auto declarava amarela e indígena correspondia a 1.535 pessoas, isto é, apenas 0,4% do total.

Em termos das vítimas de homicídios em Pelotas em 2015, ainda que a maioria seja de cor branca, nota-se que, considerando a proporção em relação a população total definida pelo IBGE, a população dos autodeclarados pretos e pardos tem sido mais atingida pelos homicídios (54 por 100.000 habitantes) do que aquelas enquadradas na cor branca (27 por 100.000 habitantes).

Quanto à situação jurídico penal das vítimas de homicídios entre 2012 e 2015, constata-se que 79% têm antecedentes criminais e somente 21% não tem.

INSTRUMENTOS/ARMAS UTILIZADOS NOS CRIMES DE HOMICÍDIO OCORRIDOS EM PELOTAS DE 2012 A 2015

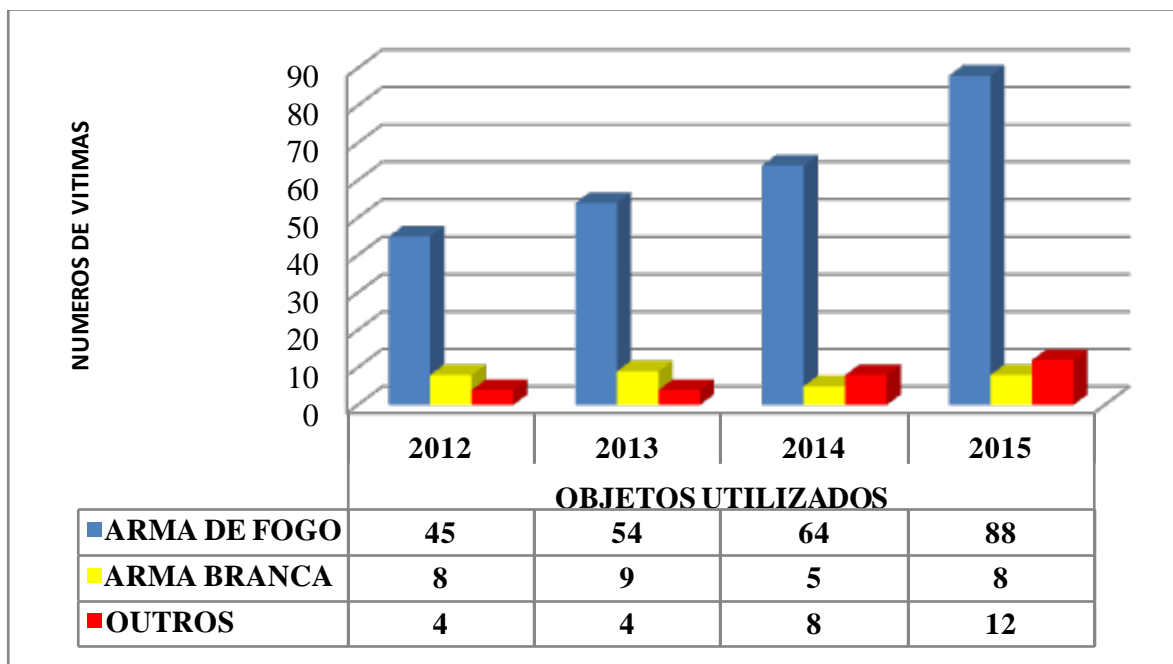
A violência na vida social, segundo Waiselfisz (2015, p.9) dificilmente se explica pela ação isolada dos indivíduos, ou por seu temperamento ou insensatez, ou ainda, pelo uso de substâncias impulsionadoras, como o álcool ou as drogas. Para o autor, a atitude violenta resulta de uma sociedade omissa na adoção de normas e políticas capazes de oferecer alternativas de mediação para os conflitos que tornam tensa a vida cotidiana. Além disso, no país há uma tradição de impunidade, os processos judiciais avançam lentamente e o aparato de investigação policial é ainda bastante despreparado, o que soma para sinalizar à sociedade que, em determinadas condições, a violência é tolerável. Mas, claramente, esta tolerância social é muito dependente de acordo com quem pratica a violência, contra quem, de que forma e em que lugar.

O imenso arsenal de armas de fogo existentes no país faz com que o Brasil tenha indicadores de mortes matadas equivalentes ou superiores aos de países que vivem situação de guerra ou conflito civil armado. Segundo Waiselfisz:

As iniciativas para deter a disponibilidade de armas tiveram sucesso com a aprovação do Estatuto do Desarmamento (Lei 10.826, de 22 de dezembro de 2003). Essa norma legal teve o mérito de, por um lado, reduzir parcialmente o arsenal clandestino e, por outro, alertar a sociedade quanto aos riscos que essas armas trazem para todos. Recentemente, no entanto, crescem as manifestações, em especial no Congresso Nacional, favoráveis à revisão ou até mesmo à revogação do Estatuto, com o objetivo de permitir que cada cidadão, a partir de 18 anos, possa ter acesso a um número ainda maior de armas de fogo. Atualmente, o Estatuto autoriza que cada cidadão maior de 25 anos possa ter, de modo justificado, até 6 armas de fogo. (WAISELFISZ, 2015, p.9)

Em Pelotas, conforme mostra a figura 9, as armas de fogo são os instrumentos utilizados na maioria das vezes. Este utensílio letal tem também mostrado um crescimento constante ao longo de 2012 a 2015.

Figura 9 – Instrumentos utilizados pelo agressor nos homicídios ocorridos em Pelotas (2012-2015).



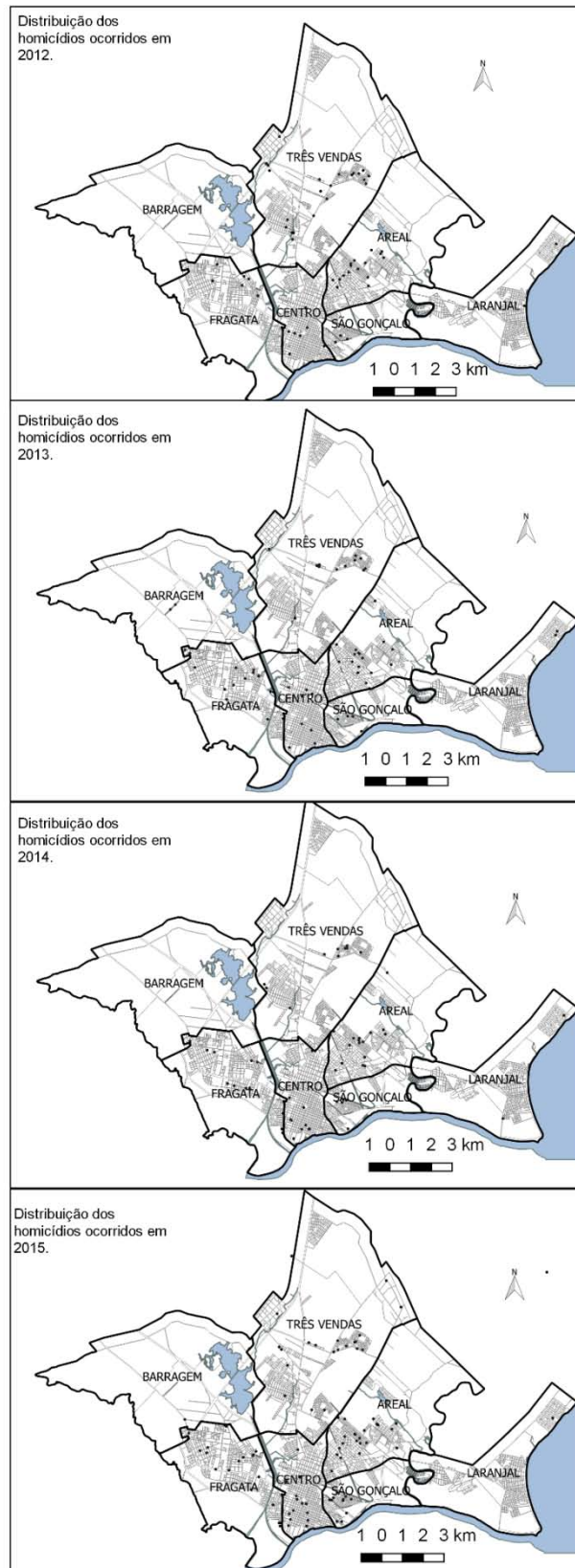
Fonte: Elaborado pelos autores.

Estes dados evidenciam as consequências da disseminação de armas de fogo e o custo social que se paga por essa disseminação. Esse custo é ainda mais elevado quando se constata que o crescimento da violência atinge principalmente a juventude. Como observa Waiselfisz (2015), se no período compreendido entre os anos de 1980 e 2012 a população teve um crescimento em torno de 61%, as mortes matadas por arma de fogo cresceram 387%, mas entre os jovens esse percentual foi superior a 460%.

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS HOMICÍDIOS OCORRIDOS EM PELOTAS DE 2012-2015

A figura 10 é uma coleção de mapas que apresenta a distribuição destes crimes de Homicídio ocorridos anualmente, entre 2012 e 2015, espacializados nas regiões administrativas da cidade de Pelotas.

Figura 10 – Distribuição dos homicídios na cidade de Pelotas por ano – 2012 a 2015.

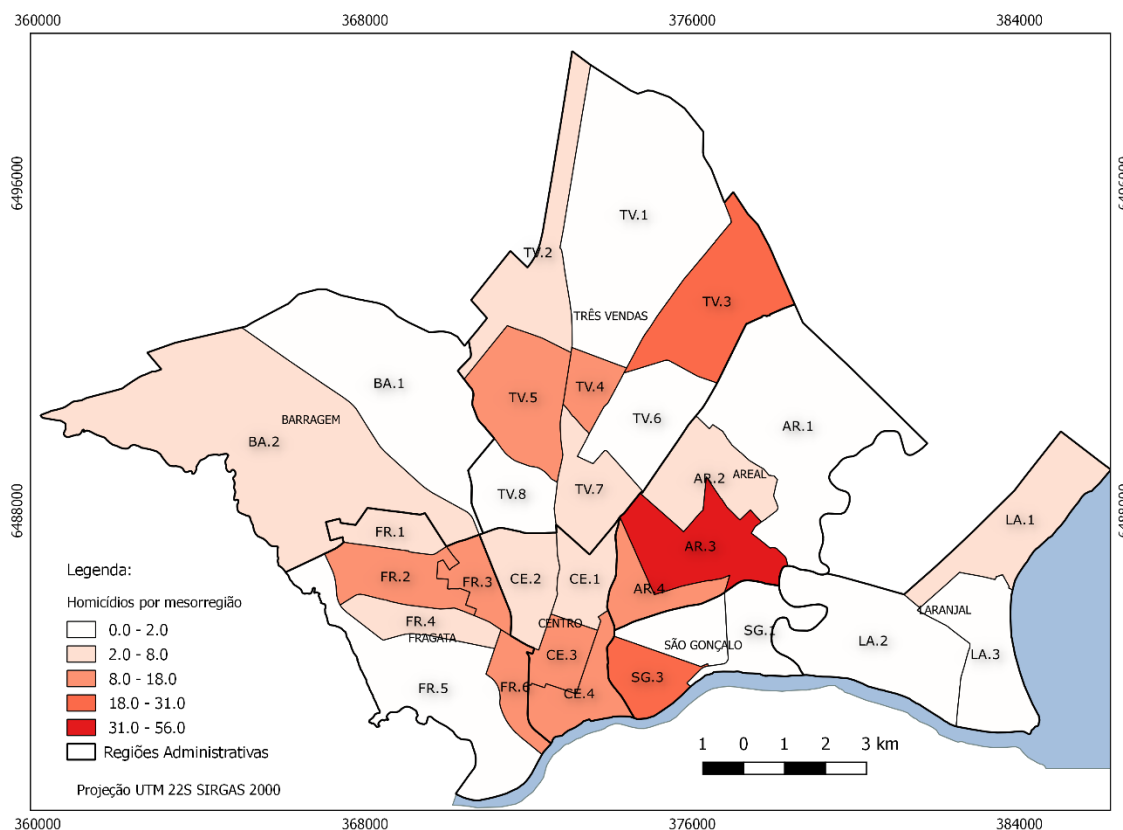


Fonte: Elaborado pelos autores

Os homicídios em Pelotas estão ocorrendo em diversos pontos da cidade sendo observado que a grande maioria das mortes são provenientes da luta entre traficantes, que por sua vez cobram suas dívidas ou disputam o território de atuação. Esse dado foi mensurado através da planilha que apresenta um item referente aos antecedentes criminais, que permite a pesquisa sobre a vida pregressa das vítimas. Constatou-se que dos 309 casos, 186 tinham antecedentes criminais, vinculados ao crime de tráfico e posse de Entorpecentes, contra 123 sem antecedentes.

A figura 11 apresenta a distribuição das ocorrências de homicídios por conjuntos de bairros (ou território segundo terminologia definida no Plano Diretor Municipal) considerando o recorte temporal completo – de 2012 a 2015.

Figura 11 - Distribuição do total de homicídios ocorridos de 2012 a 2015 por conjuntos de Bairros de Pelotas.



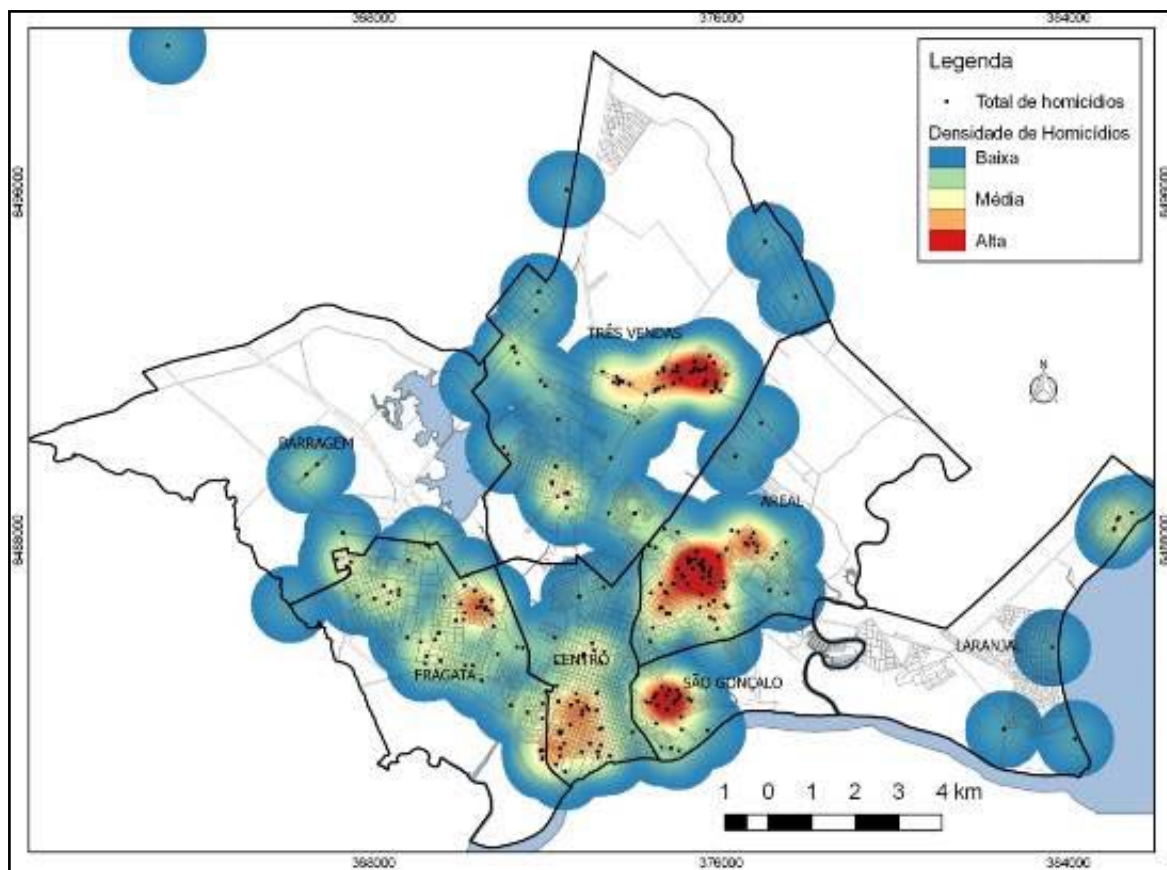
Fonte: Elaborado pelos autores

Nota-se que a região definida como AR3 que constitui os Bairros Dunas e Areal Fundos é a que apresentou o maior número de homicídios, num total de 56. Na sequência, seguem como áreas com número de homicídios variando de 18 a 31, as regiões SG3 e TV3. A primeira é formada pelos

bairros Navegantes, Fátima e Ambrosio Perret; já a segunda é constituída pelos bairros Sanga Funda e Getúlio Vargas. Apresentaram ainda um número considerável de homicídios (entre 8 e 18) as regiões AR4 (Baronesa e Cohab Areal), CE3 (Centro), CE4 (Baixada/Porto), FR2 (Gotuzzo), FR3 (Guabiroba/Rodoviária), FR6 (Simões Lopes), TV4 (Cohab Pestano) e TV5 (Santa Teresinha/Cohab Lindóia).

Por fim realizou-se uma análise para a identificação das áreas onde houve maior ou menor concentração de ocorrências de homicídios entre 2012 e 2015. Entre as ferramentas de análise espacial de dados no programa QGIS, o mapa de *Kernel* é uma alternativa para analisar o comportamento de padrões de pontos. Os mapas de superfície de *Kernel* procuram estimar como a densidade de ocorrências varia continuamente numa área de estudos, baseado num padrão de pontos. Assim, conforme Beato & Assunção (2008, p.30) em cada célula (pixel) do mapa de *Kernel* o valor da densidade, representado por uma cor, reflete a concentração de ocorrências na área ao seu redor. Através dessa ferramenta, com base na distribuição dos pontos gerou-se uma matriz de distribuição que representa a densidade das ocorrências (Figura 12).

Figura 12 - Áreas de concentração de homicídios em Pelotas de 2012 a 2015.



Fonte: Elaborado pelos autores

A figura 12 representa o mapa de densidade de ocorrências de homicídios registradas pela Brigada Militar nos três anos considerados neste trabalho. O mapa está separado por regiões onde cada sigla identifica uma sub-região administrativa da Prefeitura Municipal de Pelotas: **BA** Barragem, **TV** Três Vendas, **FR** Fragata, **CE** Centro, **AR** Areal, **SG** São Gonçalo, **LA** Laranjal, nota-se que a maior concentração deste tipo de crime ocorre no bairro Dunas na RA Areal, seguida bairros Pestano e Getúlio Vargas na RA Três Vendas, bairro Navegantes na RA São Gonçalo, seguido de concentração menos expressiva no entorno do Mercado Público no Centro e na vila Farroupilha, na RA Fragata. Como constatou Silva Neto (2015), em Pelotas grande dos homicídios ocorre num raio de menos de 200m dos principais pontos de tráfico.

Por fim, no intuito de avaliar a possível relação entre os homicídios ocorridos ano a ano e os locais onde houve ocorrência de crime relacionado ao tráfico de entorpecentes, foi definida no programa QGis, de forma automatizada, uma área de 200m entorno de cada ocorrência relacionada ao tráfico de entorpecentes através da operação geográfica - Criação de *Buffers*. Depois, através da operação geográfica – coletar por localização – foi realizada a conta do total de homicídios

ocorridos a menos de 200m dos locais identificados como de tráfico de entorpecentes. Esta análise só foi possível para os anos de 2012 a 2014, porque não se obteve os dados relativos as ocorrências de pontos de tráfico para 2015. A coleção de mapas da figura 13 mostra os resultados desta avaliação.

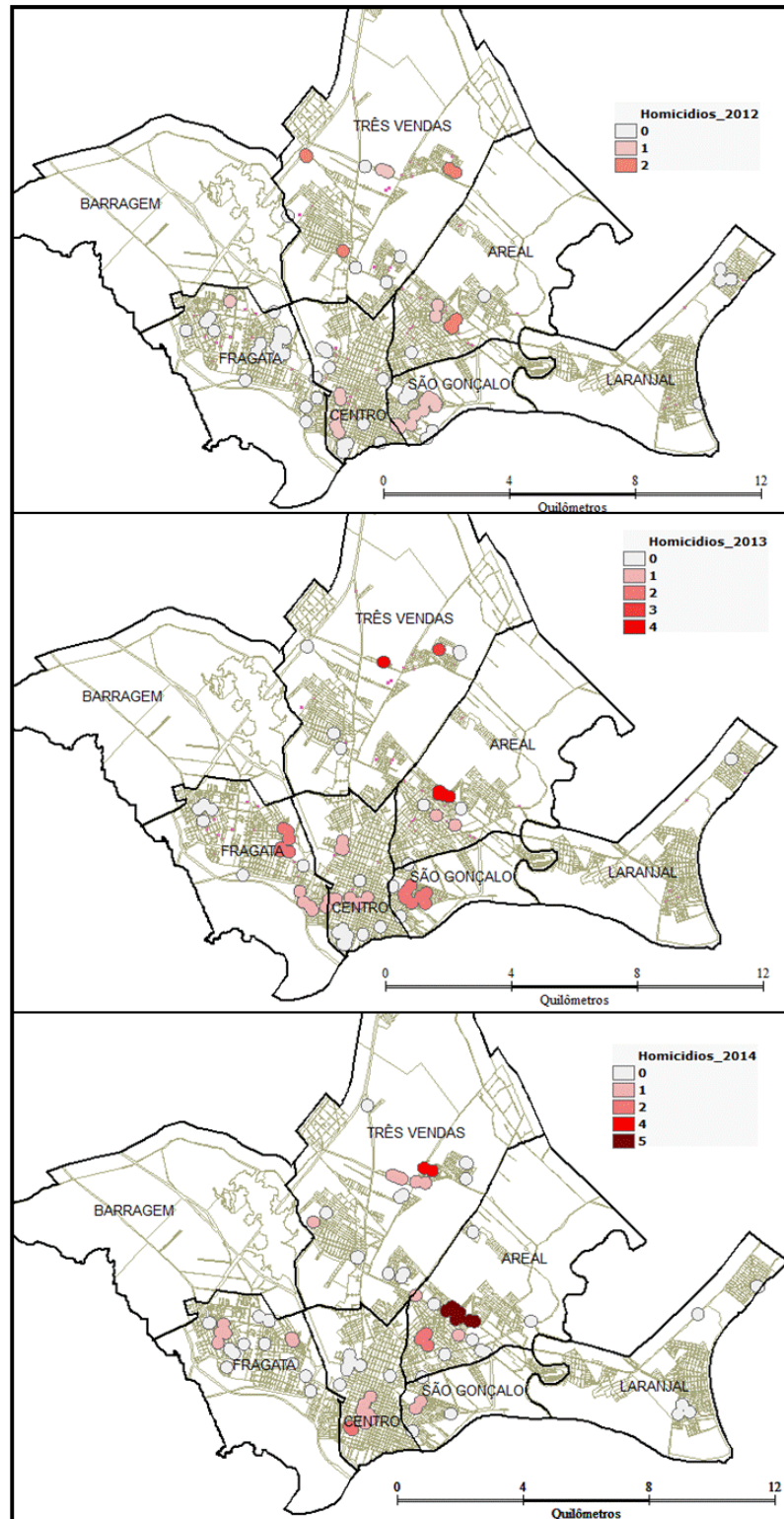
Pode-se observar na figura 13 que, de 2012 a 2014, parece ter havido um crescimento no número de homicídios ocorridos próximo aos pontos de tráfico identificados pela Polícia Militar. No entanto, isso foi marcante nos bairros Dunas e Areal Fundos (Mesorregião AR3), que concentrou significativamente os homicídios relacionados ao tráfico no ano de 2014. Na análise realizada considerando uma proximidade de 200m dos pontos de tráfico não houve variação de um ano para o outro. Em 2012, 47% dos homicídios ocorreram próximo aos pontos de tráfico identificados pela Brigada Militar. Em 2013, também foram 47% enquanto em 2014 foram 48%.

O que se constata no bairro Dunas é que a disputa por pontos de tráfico – em particular de vendas de *crack* – resultou em grande número de mortes, especialmente entre jovens.

Silva Neto (2012) demonstrou que, em Pelotas, outras modalidades de crimes violentos parecem também associar-se ao uso de drogas, porque muitos usuários esgotam rapidamente seus recursos legais para o consumo de drogas, recorrendo a diversas modalidades de delitos para levantar recursos. Neste estudo, contudo, só foi possível realizar este ensaio da relação entre os crimes de tráfico de entorpecentes e de homicídios através de ferramentas de geoprocessamento.

Existem várias maneiras pelas quais os crimes podem estar associados à questão das drogas. A primeira delas está relacionada com os efeitos das substâncias tóxicas no comportamento das pessoas. Outra forma de associação decorre do fato de tais substâncias serem comercializadas ilegalmente, gerando então violência entre traficantes, corrupção de representantes do sistema da justiça criminal e ações criminosas de indivíduos em busca de recursos para a manutenção do vício (BEATO FILHO et al, 2001, p. 1164).

Figura 13 - Homicídios ocorridos nas proximidades dos pontos de tráfico de entorpecentes em 2012, 2013 e 2014.



Fonte: Elaborado pelo autor.

É muitas vezes difícil afirmar com dados a conexão entre crimes, aqui especialmente entre tráfico de drogas e homicídios, até por que é a Polícia Militar que é fundamentalmente incumbida do policiamento ostensivo e a Polícia Civil que faz a investigação dos casos de homicídio. No entanto, autores como Goldstein e Hunt (citados por Beato Filho, 2001, p. 1165) destacam a variedade sistêmica de violência associada à droga: guerras por territórios entre traficantes rivais, agressões e homicídios cometidos no interior da hierarquia de vendedores como forma de reforço dos códigos normativos, roubos de drogas por parte do traficante com retaliações de seus patrões, eliminação de informantes e punições por vender drogas adulteradas ou por não conseguir quitar débitos com vendedores. É um tipo de violência que decorre do fato de não existirem meios legais de resolução de conflitos entre traficantes e usuários. Assim, muito mais do que o uso, é a comercialização da droga que está associada a muitos homicídios.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi realçar a geografia dos homicídios em Pelotas e verificar o incremento do risco em áreas de tráfico e conflitos em decorrência das drogas. O estudo apontou um número de vítimas de homicídios sempre crescente no período avaliado (2012-2015), sendo que 35% do total de ocorrências avaliado ocorreu em 2015.

O levantamento realizado demonstrou que: a maioria dos homicídios ocorrem no período noturno e com arma de fogo, a faixa etária mais vitimada é a entre 19 e 30 anos, 79% das vítimas já tinham antecedentes criminais, 91,4% era do sexo masculino e, em números absolutos houve mais vítimas de cor branca.

Além disso, o levantamento realizado trouxe informações acerca dos locais e horários em que mais se concentraram os homicídios e, pela localização das ocorrências, também de uma provável relação dos homicídios ocorridos nos anos de 2012, 2013 e 2014, com o Tráfico de Entorpecentes. Embora o estudo não contemple de maneira mais explícita o fator social dos locais das ocorrências, entende-se que estes são mais carentes e por isso obviamente mais vulnerável a introdução de drogas.

A publicação de dados como estes provocam um debate em torno da possível estigmatização de algumas áreas e grupos, ao identificar, por exemplo, a concentração de homicídios em alguns bairros da cidade. Como toda informação, esses dados também estão sujeitos a diversas interpretações. Possivelmente, algumas tenderão a reforçar certos estigmas, mas nem mesmo isso

deve ser argumento para a sua não divulgação, até porque o enfrentamento do estigma deve ser feito com a sua explicitação e debate.

A indicação de concentrações, tanto de homicídios como de crimes relacionados ao tráfico de entorpecentes, em lugares com falta de infraestrutura urbana e carência material evidencia, primeiramente, a exposição a mais esse risco, o de perder violentamente a vida. A polícia, devido ao baixo investimento do poder público, tanto na parte de efetivo quanto na parte de material, se tornou uma polícia de repreensão e não de prevenção. Assim, como já escreveu Beato Filho (2001, p. 270), além das medidas de controle da oferta de drogas (repressão) que é, normalmente de atuação da polícia militar, deve-se associar a estas, medidas de controle do consumo (prevenção), o que envolveria, além da polícia, outros órgãos e a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

BEATO FILHO, C. C; ASSUNÇÃO, R. M; SILVA, B. F. A.; MARINHO, F. C.; REIS, I. A.; ALMEIDA, M. C. M. Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, de 1995 a 1999. **Caderno de Saúde Pública**, ano 17, nº 5, set-out, 2001. p. 1163-1171.

BEATO FILHO, C. C; ASSUNÇÃO, Renato. M. Sistemas de Informação Georreferenciados em Segurança. In: BEATO FILHO, C. C. (org.). **Compreendendo e avaliando: projetos de segurança pública**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 219 p.

DATASEG – Base de dados da Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul –Disponível em: <<http://www.ciosp.rs.gov.br>> Acesso em mai. 2016.

FEE/RS. **Perfil socioeconômico dos municípios do Rio Grande do Sul**. Disponível em <<http://www.fee.rs.gov.br/perfilsocioeconomico/municipios/detalhe/?municipio=Pelotas>> Acesso em 23 de maio de 2015.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **Estimativas Populacionais** — Revisão 2015. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/indicadores/populacao/estimativas-populacionais/>. Acesso em 03 mar. 2016.

IBGE. **Censo demográfico 2010**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/>> Acesso em jun.2016.

PEREIRA, T. C. Os efeitos invisíveis do planejamento urbano na cidade corporativa: quando a revitalização do centro reforça a blindagem da periferia. In: **III ENANPARQ** - Arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva. São Paulo: 2014. p. 1-13. Disponível em <<http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/ST/ST-EPC-007-4-PEREIRA.pdf>> Acesso em jun. 2016.

SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira**. 3 Edição. São Paulo, Editora Hucitec, 1996. 176p.

SILVA NETO, M. G. **Espacialização de ocorrências policiais atendidas pela Polícia Militar, no centro-sul da cidade de Pelotas, no período de janeiro a dezembro 2010**. 2011. 68 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

VIEIRA, S. G. **A cidade fragmentada**. Pelotas: Editora da UFPel, 2005.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015 - Mortes Matadas por Armas de Fogo**. Secretaria Geral da Presidência da República/Secretaria Nacional de Juventude/Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Brasília, 2015 Disponível em <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>. Acesso em jun 2016.

ZIEGLER, J. **Os senhores do crime – as novas máfias contra a democracia**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Recebido em: 01/12/2016
Aceito em: 28/03/2017